

Os três homenzinhos da floresta

Irmãos Grimm

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Havia um homem cuja mulher morreu, e uma mulher cujo marido morreu. O homem tinha uma filha, e a mulher também tinha uma filha. As meninas se conheciam, passeavam juntas e depois foram à casa da mulher. Ela disse à filha do homem: “Escute, diga a seu pai que eu gostaria de me casar com ele. Então, todas as manhãs, você poderá se lavar com leite e beber vinho, enquanto minha filha se lavará com água e beberá água.” A menina voltou para casa e contou ao pai o que a mulher dissera. O homem falou: “O que devo fazer? Casar é uma alegria e também um tormento.” Por fim, como não conseguia se decidir, tirou a bota e disse: “Pegue esta bota, que tem um buraco na sola, leve-a ao sótão, pendure-a no prego grande e despeje água dentro dela. Se segurar a água, tornarei a me casar; mas, se a água escorrer, não quero.” A menina fez como lhe fora ordenado. Mas a água fechou o buraco, e a bota se encheu até o alto. Ela contou ao pai como havia sido. Ele mesmo subiu e, vendo que era verdade, foi até a viúva e a pediu em casamento. Celebraram as bodas.

Na manhã seguinte, quando as duas meninas se levantaram, diante da filha do homem havia leite para se lavar e vinho para beber; diante da filha da mulher, porém, havia água para se lavar e água para beber. Na segunda manhã havia água para se lavar e água para beber tanto para a filha do homem como para a filha da mulher. E, na terceira manhã, havia água para se lavar e água para beber para a filha do homem, e leite para se lavar e vinho para beber para a filha da mulher. E assim ficou. A mulher passou a odiar mortalmente a enteada e não sabia como tornar sua vida pior de um dia para o outro.

Também tinha inveja, porque a enteada era bonita e encantadora, enquanto sua própria filha era feia e desagradável.

Uma vez, no inverno, quando tudo congelara duro como pedra e montes e vales estavam cobertos de neve, a mulher fez um vestido de papel, chamou a menina e disse: “Vista este vestido, vá à floresta e me traga uma cestinha cheia de morangos; estou com vontade de comê-los.” “Meu Deus”, disse a menina, “não nascem morangos no inverno. A terra está congelada, e a neve cobriu tudo. E por que devo ir com o vestido de papel? Está tão frio lá fora que o hálito congela. O vento atravessa o papel, e os espinhos vão arrancá-lo do meu corpo.” “Ainda quer me contrariar?”, disse a madrasta. “Trate de ir embora e não apareça de novo antes de ter a cestinha cheia de morangos.” Deu-lhe ainda um pedacinho de pão duro e disse: “Você pode comer disso durante o dia.” E pensou: “Lá fora ela vai morrer de frio e de fome e nunca mais aparecer diante de meus olhos.”

A menina obedeceu, vestiu o vestido de papel e saiu com a cestinha. Por toda parte só havia neve, e não se via uma só folha verde de capim. Quando entrou na floresta, viu uma casinha de onde espiavam três homenzinhos.

Desejou-lhes um bom dia e bateu à porta com modéstia. Eles a mandaram entrar, e ela entrou no cômodo e se sentou no banco junto à estufa para se aquecer e comer seu desjejum. Os homenzinhos disseram: “Dê um pouco para nós também.” “Com prazer”, disse ela, dividiu seu pedacinho de pão em dois e lhes deu a metade. Eles perguntaram: “O que você quer aqui na floresta em pleno inverno, com esse vestidinho fino?” “Ah”, respondeu ela, “tenho de procurar uma cestinha cheia de morangos e não posso voltar para casa antes de levá-la comigo.” Quando terminou de comer o pão, deram-lhe uma vassoura e disseram: “Varra com ela a neve junto à porta dos fundos.” Enquanto ela estava lá fora, os três homenzinhos conversaram entre si: “O que lhe daremos de presente, por ser tão educada e boa e ter dividido seu pão

conosco?” O primeiro disse: “Dou-lhe o presente de ficar mais bonita a cada dia.” O segundo disse: “Dou-lhe o presente de que moedas de ouro lhe caiam da boca sempre que disser uma palavra.” O terceiro disse: “Dou-lhe o presente de que um rei venha e a tome por esposa.”

A menina fez como os homenzinhos tinham dito, varreu com a vassoura a neve atrás da casinha, e o que vocês acham que ela encontrou? Só morangos maduros, de um vermelho bem escuro, saindo da neve. Alegre, encheu a cestinha, agradeceu aos homenzinhos, apertou a mão de cada um e correu para casa, querendo levar à madrasta o que ela pedira. Ao entrar e dizer “Boa noite”, caiu-lhe logo uma moeda de ouro da boca. Depois contou o que lhe acontecera na floresta, mas a cada palavra que dizia lhe caíam moedas de ouro da boca, de modo que logo o cômodo inteiro ficou coberto delas. “Vejam só que arrogância!”, gritou a irmã postiça. “Jogar o ouro assim!” Mas, em segredo, estava com inveja e também queria ir à floresta procurar morangos. A mãe disse: “Não, minha querida filhinha, está frio demais, você pode morrer de frio.” Mas a filha não lhe dava sossego, e por fim ela cedeu, costurou-lhe um magnífico casaco de peles para vestir e lhe deu pão com manteiga e bolo para o caminho.

A menina foi à floresta e seguiu diretamente para a casinha. Os três homenzinhos tornaram a espiar, mas ela não os cumprimentou. Sem olhar para eles nem lhes dar uma saudação, entrou aos tropeços no cômodo, sentou-se junto à estufa e começou a comer seu pão com manteiga e seu bolo. “Dê um pouco para nós”, pediram os pequeninos. Mas ela respondeu: “Nem para mim está gostoso; como posso dar um pouco aos outros?” Quando acabou de comer, eles disseram: “Aqui está uma vassoura; limpe lá fora, diante da porta dos fundos.” “Ora, limpem vocês mesmos”, respondeu ela. “Não sou sua criada.” Ao ver que não queriam lhe dar presente algum, saiu pela porta. Os homenzinhos conversaram entre si: “O que lhe daremos de presente por

ser tão malcriada e ter um coração mau e invejoso, que não deseja que ninguém tenha coisa alguma?” O primeiro disse: “Dou-lhe o presente de ficar mais feia a cada dia.” O segundo disse: “Dou-lhe o presente de que a cada palavra que disser lhe salte um sapo da boca.” O terceiro disse: “Dou-lhe o presente de morrer de uma morte infeliz.” A menina procurou morangos lá fora, mas, como não encontrou nenhum, voltou contrariada para casa. Quando abriu a boca para contar à mãe o que lhe acontecera na floresta, saltou-lhe um sapo da boca a cada palavra, de modo que todos passaram a sentir repugnância por ela.

A madrasta se irritou ainda mais e só pensava em como causar toda sorte de desgostos à filha do homem, cuja beleza aumentava a cada dia. Por fim pegou um caldeirão, pôs no fogo e ferveu fios dentro dele. Quando estavam fervidos, colocou-os sobre os ombros da pobre menina e lhe deu um machado: ela deveria ir ao rio congelado, abrir um buraco no gelo e enxaguar os fios. A menina obedeceu, foi até lá e abriu um buraco no gelo a machadadas. Enquanto ainda golpeava o gelo, chegou uma magnífica carruagem, dentro da qual estava o rei. A carruagem parou, e o rei perguntou: “Minha filha, quem é você e o que está fazendo aí?” “Sou uma pobre menina e estou enxaguando fios.” O rei sentiu pena e, vendo como ela era bonita, disse: “Quer ir comigo?” “Ah, sim, de todo o coração”, respondeu ela, pois estava feliz por poder se afastar da mãe e da irmã.

Subiu então na carruagem e partiu com o rei. Ao chegarem ao castelo, celebraram o casamento com grande pompa, como os homenzinhos tinham dado de presente à menina. Um ano depois a jovem rainha deu à luz um filho. Quando a madrasta soube de tamanha felicidade, foi ao castelo com a filha e fingiu que vinha fazer uma visita. Mas, quando o rei saiu e não havia mais ninguém por perto, a mulher má agarrou a rainha pela cabeça, e sua filha a agarrou pelos pés. Tiraram-na da cama e a jogaram pela janela no rio que

passava ali. Depois a filha feia se deitou na cama, e a velha a cobriu até por cima da cabeça. Quando o rei voltou e quis falar com a esposa, a velha gritou: “Silêncio, silêncio, agora não é possível. Ela está suando muito, deixe-a descansar hoje.” O rei não suspeitou de mal algum e só voltou na manhã seguinte. Quando falou com a esposa e ela lhe respondeu, a cada palavra saltava um sapo de sua boca, enquanto antes caía uma moeda de ouro. Ele perguntou o que era aquilo, mas a velha disse que ela tinha ficado assim por causa do suor intenso e que logo passaria.

À noite, porém, o ajudante de cozinha viu uma pata chegar nadando pelo escoadouro. Ela disse:

*“Rei, o que está fazendo?
Está dormindo ou acordado?”*

Como ele não respondeu, ela perguntou:

“Como estão meus convidados?”

O ajudante de cozinha respondeu:

“Dormem profundamente.”

Ela perguntou ainda:

“Como está meu filhinho?”

Ele respondeu:

“Dorme bem no bercinho.”

Então ela subiu sob a forma da rainha, deu de mamar ao menino, sacudiu sua caminha, cobriu-o e tornou a sair nadando pelo escoadouro, como pata.

Assim veio por duas noites; na terceira, disse ao ajudante de cozinha: “Vá dizer ao rei que pegue sua espada e a balance três vezes sobre mim, na soleira.” O ajudante correu e contou ao rei, que veio com sua espada e a balançou três vezes sobre o espírito. Na terceira vez, sua esposa estava diante dele, viçosa, viva e saudável como antes.

O rei ficou muito alegre, mas manteve a rainha escondida num aposento até o domingo, quando a criança seria batizada. Depois do batizado, perguntou: “O que merece uma pessoa que tira outra da cama e a joga na água?” “Nada melhor”, respondeu a velha, “do que ser metida num barril revestido de pregos e rolada ladeira abaixo até a água.” Então o rei disse: “Você pronunciou sua própria sentença.” Mandou buscar um barril assim e pôr dentro dele a velha e sua filha. Depois pregaram o fundo para fechá-lo e o rolaram ladeira abaixo, até que caiu no rio.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/os-tres-homenzinhos-da-floresta>